

Um dia ao sol

Diego Felipe Pereira Noletto

— Caneta calendário é um real. É um real a caneta calendário com tabuada de vezes.

— Olha o picolé caseiro! Tem de morango, abacaxi e chocolate, bacuri, açai. Todo sabor. Cinquenta centavos.

O pipoqueiro indiferente. Olhava uma sombra no chão, as enormes galhas de uma amendoeira, os pardais disputando uma semente na areia da praça, ouvia algum som... Com a atenção miúda, esperava algum cliente enquanto girava a maçaneta do carrinho, o cheiro se espalhando pelo ar.

E as gentes distraídas. Muitas garotas de minissaia tentando encontrar abrigo nos braços de quem desse mais. Rostinhos pintadinhos de batom, talco, poeira, ou de grãos de esperança que se perdem no vento. Muitos na rua nem sentem suas presenças e dejetos só o forte cheiro de suas colônias Francesas.

Os bancos disputadíssimos. Jovens, roupas sujas e cabelos assanhados, não querem saber de nada, de ninguém, só pedem, a cada segundo, um trocado para comprar pão, ou algo que necessitarem. Entenda o que se passa em suas cabeças. Talvez uma lembrança de infância ou alguma festa de natal, quem sabe a vontade de lembrar um passado que não existiu sempre cheio de miséria e cola de sapateiro. Um casal mirava um pedaço arroxeadado de pão, incólume. O melhor é pedir proteção: alguém que tenha força suficiente para encarar a luta.

Mas uma coisa, em especial, chama a atenção do sol. Olhos verdes que refletiam toda a intensidade da luz e das folhas daquele dia. Ela tinha um olhar atento a todos os transeuntes, vendedores, barracas coloridas e ao mesmo tempo fingia não pertencer a isso tudo. Sorriso contido no canto da boca – mostrava uma ponta do canino – talvez o amor esperando no bordel ou a própria certeza da vida. Um dos pés expressava um pulsar de impaciência. Não percebeu uma senhora que lhe tocou o ombro na tentativa de lhe agarrar uma moeda, não notou o menino que cheirava a lixo doce perto da bolsa. Simplesmente estendeu o braço para o ônibus e foi embora para casa.

O menino pequeno estendeu a faca a outro. O senhor mirando as horas, atrasado para o almoço. Tomou de assalto e correu. Tropeçou. Não caiu.

Uma montaria trotou os cavalos. Menino corre em baixo, parece que procura pipa no ar, em cima, o relógio numa mão a faca na outra. Montaria leve, cavalos cansados, multidão aos berros: — Pega, pega!

PM apeia. Mira nas pernas – se derrubar, o trabalho cumprido. Acerta em cheio o tórax. A pipa vai ao esgoto. A tala quebra e a seda derrete na água, sem vida.

Diego Felipe Pereira Noletto, jornalista e contista. É morador e amante da Teresina de todos os dias. Hoje, assina seus contos com Lazarus Silvestre, pseudônimo do mundo.